

**Elogio fúnebre de  
Sebastião Tavares de Pinho**

*Carlos Ascenso André  
Rocas do Vouga, 2020.01.25*

É um tempo escasso – dirás tu -, nunca se mostra durável  
aquilo que tem um fim e que está sempre a fluir.

....

Tudo passa, foge a hora, o mês, o ano,  
e passam os dias como a água corrente.

....

Deves viver contente, se viveres o tempo  
tal como o destino to concedeu viver.

Na verdade, se bem passares o tempo da vida e os anos,  
a vida se torna mais longa, ainda que seja breve.

É óptimo o fim da vida quando floresce a integridade  
de espírito...

São palavras de Lopo Serrão, que, no século XVI, reflectiu sobre a velhice – e também sobre o fim dela.

Trouxe-nos este Inverno, já repleto de tantas sinistras surpresas e calamidades mil, trouxe-nos este Inverno porta adentro, com o sopro de seu gelo inclemente, esta última tristeza, que de perto nos toca, por nos levar o parente, o amigo, o colega; soam fundo, por isso, como os passos do destino, as palavras de Lopo Serrão: “se viveres o tempo tal como o destino to concedeu viver, se bem passares o tempo da vida e os anos, a vida se torna mais longa.”

Sem o saber (ou talvez soubesse) foi este o roteiro de vida daquele que hoje trazemos de volta à terra de onde partiu.

Terra é esta de pedra e rio, a que faz jus o seu nome – Rocas do Vouga. Aqui o viu nascer, há mais de oito décadas, a aldeia que jamais viria a esquecer, a ela preso por estranhos laços que nunca escondia aos que lhe eram próximos.

Ao partir para o Seminário, em criança, levava consigo, nos escusos recantos do peito, a simplicidade de aldeão, a grandeza do aldeão, a crença do aldeão, com a inteireza, que é de todas elas a súpula e que só o húmus sabe dar e que só os filhos da terra sabem dele sorver.

Assim o levou vida fora, até ao instante inexorável em que a foice sinistra o colheu.

Deixado o Seminário, foi a guerra que o moldou e lhe deu uma têmpera diferente da que de infância e da terra negra trazia. Foi o tempo primeiro de aprender a dor e a morte e de nelas descobrir o novo caminho da solidariedade a que alguns chamavam heroísmo.

Outras sendas, porém, o esperavam, no cerzir do seu passado em Rocas do Vouga com o seu aprendizado no Seminário. E foi a Coimbra que rumou, à Universidade, que

viria a ser a sua casa, a partir daí; até ontem. Ou até sempre, que o universitário jamais deixa de o ser, pois nem a morte lhe arrebatava essa condição, quando de alma inteira a assumiu.

Desde então, foi nos Estudos Clássicos que continuou a moldar a sua personalidade. Continuou a moldar – é justo que se diga e pertinente a expressão; pois que esse seu carácter singular, de homem do mundo sem jamais deixar de ser cidadão da sua aldeia, essa simbiose perfeita da Terra com as Letras, essa genuína fusão da simplicidade com a sabedoria que nos livros se aprende – mas não só nos livros – essas vinham já daqui, desta terra à qual hoje o devolvemos.

Em Coimbra construiu o seu longo percurso de uma vida rica; longo, mas, afinal, tão absurdamente breve.

Ali fez a carreira das Letras: Licenciatura e Doutoramento, com um percurso que o levou de Assistente a Professor Catedrático, aposentado, por vontade própria, ao cabo de 34 anos de dedicação ao ensino.

Fez das Letras Clássicas o seu campo de labor e, nelas, do Renascimento o seu território de eleição. Muitos foram os estudantes que com ele aprenderam Línguas, Literaturas e Culturas, Latina ou Grega. De entre os seus vultos, Cícero, o filósofo que reflectiu a velhice, mas também a amizade, e bem assim o orador exímio que era, foi o autor que escolheu para dele nos deixar em tradução portuguesa algumas obras.

Mas foi no Humanismo renascentista que mais se deteve, esse tempo em que o homem se indagou e indagou o mundo que o rodeava e o seu lugar nesse mesmo mundo. Nesse estudo, tinha um prazer especial na busca da palavra, a sua raiz, o seu sentido sempre renovado, a sua identificação com o devir cósmico de que o homem é parte. A sua raiz, digo bem. Porque Sebastião Tavares de Pinho, senhor de uma memória e uma erudição invejáveis e de uma sabedoria em permanente construção, gastava as suas horas na busca do passado de que se cerzia cada palavra e onde se enraizava cada frase dos autores renascentistas. E alongava-se dias, semanas, meses adentro dos trilhos escusos desse estranho Renascimento, de ínvios caminhos e secretas veredas, onde cada encruzilhada é um novo rumo para um novo garimpo de uma nova descoberta.

Nos trilhos do Humanismo, demorou-se três anos em Paris, experiência que o havia de marcar para sempre. No dia em que o absurdo da morte o colheu, com tão inusitada e inesperada quanto brutal violência, vinha de Lisboa, aliás, onde participámos ambos na homenagem ao seu Mestre por quem, desde Paris, criou especial veneração, José Pina Martins. Foi a sua última intervenção pública e académica: o testemunho de gratidão para com o Mestre.

Lopo Serrão, Jerónimo Osório, Aires Barbosa, André de Resende, José de Anchieta e tantos, tantos outros lhe foram tirando a luz à visão que, mesmo cansada, não deixava de empenhar em novos projectos e em velhos rumos.

Ao longo de todo esse trajecto, fez discípulos, em teses, de mestrado e doutoramento, e apontou novos rumos, como cumpre a qualquer universitário que saiba honrar a carreira que escolheu. E ele soube. Soube sempre.

Mas a entrega aos livros, ao documento antigo, à história desse passado remoto, sinuoso e, não raro, obscuro, não lhe aligeiraram o sentido de dever que aprendera aqui, na autenticidade desta terra onde nascera.

E foi com esse sentido de dever que se entregou à Universidade, com a mesma energia e generosidade com que, em teatro de guerra, se entregara a salvar os seus camaradas de armas.

Foi Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, nos difíceis tempos que se seguiram a Abril; foi de tudo um pouco no Grupo de Estudos Clássicos, no Instituto de Estudos Clássicos, no Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

E, quando a opção foi deixar a carreira académica, por entender ser chegado o tempo e não o entusiasmarem as honrarias de fim de linha, abraçou um projecto que trouxe até hoje e que mais longe levaria, não fora a mão injusta do destino tê-lo impedido: a Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos, a que, até ontem, presidiu e a colecção *Portugalliae Monumenta Neolatina* ficarão para sempre associadas ao seu nome e constituem pesada herança para quem lhe suceder. Nesta última, presenteou a cultura portuguesa com alguns dos seus textos fundadores, em edições de elevadíssima qualidade, textos esses que, de outra forma, talvez ficassem para sempre sepultados em desvãos, porventura perdidos, de bibliotecas e arquivos.

Por tudo isto, não espanta que tenha sido acolhido, com mérito, com justiça, mas também com honra para quem o acolheu, em instituições de grande prestígio por todo o mundo: a Academia das Ciências de Lisboa, a Academia Brasileira de Filologia, a Academia Portuguesa de História, a Associação Internacional de Lusitanistas, de que foi Secretário-Geral, a Academia Internacional Anchieta, de que foi fundador.

É um percurso rico, sim, fiel às suas origens e fiel ao rumo que escolheu e às crenças que professava.

Fica, porém, incompleto este seu retrato se lhe não for acrescentado o muito que lhe falta, mas que em poucas palavras se diz, porque recebido aqui mesmo, nesta terra das Rocas a que hoje o devolvemos, ceifada que lhe foi a vida, de forma prematura, como sempre é, e de forma absurda, como sempre também costuma ser.

E são estes os traços densos e breves que se impõe acrescentar ao retrato:

Sebastião Tavares de Pinho era um homem generoso, recto, íntegro, leal, honesto, de bom coração, amigo do seu amigo e contemporizador com os que o não eram, tolerante, afável; e era um homem de carácter; era, em suma, um homem bom, em toda a sua inteireza de ser humano. E, dizendo-se isso, tudo se diz.

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, cujo Director me deu o doloroso e honroso encargo de, em nome de todos, aqui usar da palavra para dele nos despedirmos, a Faculdade e a Universidade a que continuará para sempre ligado, esta aqui representada pelo seu Vice-Reitor, homenageiam neste momento o seu vulto distinto de académico, mas também a sua personalidade singular e o seu carácter de um ser humano exemplar e de eleição; e diante dele, nós, com essas Instituições, que servimos, nos vergamos.

E, no momento em que o acompanhamos à terra de onde veio e a que pertence, deixamos uma palavra de profundo pesar a seu filho e sua neta e sua nora, de quem sempre falava com infundo desvelo, afecto e carinho, a sua esposa, que nos últimos tempos e no derradeiro minuto o acompanhou e aos demais familiares e entes queridos a quem nos juntamos neste adeus e a quem solidariamente nos unimos na dor que os atinge.

A esta terra, que era a sua – à terra, em tudo quanto significa, a que pertence – entregamos Sebastião Tavares de Pinho, no termo da sua jornada. Que a terra, ela mesma, lhe seja leve; que a memória lhe seja longa.